

Brasiliense pratica um revanchismo 'soft'

■ Capital deseja limpar o astral deixado por Collor e ataca mitos e até amigos do ex-presidente, em busca de nova imagem

LUIS TURIBA

A Casa da Dinda não tem *habite-se* e, segundo documentação apresentada esta semana pela administração regional do Plano Piloto, seu território sagrado não passa de mais uma invasão irregular da cidade. O antes todo-poderoso empresário Luis Estevão, proprietário do grupo OK e amigo de Collor até as horas finais, teve oito tratadores expulsos de uma terra arrendada da Fundação Zoobotânica do DF e os técnicos de sua empresa não tiveram sequer o direito de recolher os sacos de sementes de soja que seriam plantadas na área. Estevão está na África e nada pode fazer.

Os exemplos de um sutil revanchismo coletivo não param aí: as duplas sertanejas que vinham à cidade em jatinhos alugados pelo empresário Wigberto Tartuce, para embalar as festas da *corte de Canapi*, foram tragadas pelo frenético som da *axé music* candanga. A Rádio Atividade, de Tartuce, perdeu o primeiro lugar das paradas de sucesso e hoje o *chic* é fretar Boeings para brincar Carnaval com o trio de Daniela Mercury em Salvador. Até Luiz Mário, o galã apontado como responsável pelo ex-presidente ter jogado sua aliança no Lago Paranoá, deu a volta por cima e, ao retornar a Brasília, foi saudado nas ruas como *El Vingador*.

Rei morto, rei posto. O povo de Brasília entrou em 1993 com o propósito de esquecer o trauma causado pela modernidade da República das Alagoas. Mas nota-se que também não deseja criar nenhum tipo de relação neurotizante com os costumes de Juiz de Fora. Nem jet-ski nem pão de queijo. Exemplo disso é que milhares de brasilienses receberam nesta primeira semana do ano, em seus apartamentos, um saboroso convite com os dizeres: *CPI, Impachment, cheques fantasmas, mudança de governo, indefinições, inflação, etc, etc... Chega! Descansar é preciso*. Para os que não têm



Os segredos e mistérios da Casa da Dinda estão sendo desvendados agora: nem 'habite-se' ela tem

condições financeiras de aproveitar o verão no Rio, em Búzios ou Salvador, o jeito é aceitar o convite da Cabana dos Pirineus e passar algumas dias em Pirinópolis, cidade histórica de Goiás, a menos de 300 quilômetros da capital, tomando banho de rio e se alimentando de pequi.

Sem cerimônia — Para se livrar verdadeiramente dos caos da administração do ex-presidente Fernando Collor, os dirigentes da capital estão fazendo um grande esforço para demonstrar que eram obrigados a engolir “grandes sapos”, como disse recentemente o próprio governador Joaquim Roriz. Como num passe de mágica, é possível hoje levantar dados sobre a

Casa da Dinda que, há 15 dias, eram considerados secretíssimos. Por exemplo: sua construção violou todas as normas de planejamento urbano e construção civil do Distrito Federal.

Uma breve leitura do seu processo na Administração Regional do Plano Piloto demonstra que as dimensões da residência oficial do ex-presidente nos seus dois anos e meio de governo foram ampliadas ilegalmente em mais de dez vezes desde 1963, sem que fossem atualizados qualquer tipo de Alvará de Construção ou a chamada Carta de Habite-se, que é uma autorização governamental dada pela Terracap — empresa responsável pelas terras

públicas de Brasília — para a ocupação do imóvel.

No histórico do processo, a Casa da Dinda ainda está em nome de Arnon de Mello, falecido pai do ex-presidente. O último projeto legal de construção da enfeitada residência data de outubro de 1972. Na ocasião, o Departamento de Fiscalização de Obras da Administração de Brasília aprovou a ampliação da casa para 394 metros quadrados. Hoje, segundo os técnicos da própria administração, as dimensões estão dez vezes maiores. Segundo os mapas de *Habite-se* da administração do Plano, estão irregulares o alojamento dos funcionários da Brasil's Garden, responsável pela jardinagem, a casa do caseiro e a garagem de barcos.